

KANO, CIDADE DO PAIZ D'HAOUSSA.

AFRICA CENTRAL:

(Conclusão.)

O PAIZ DE AIR.

Entre o paiz de Ghat e o de Air faz-se a jornada de vinte e oito dias, em camellos. Este oasis de Air é uma das mais interessantes estações. Era conhecido este nome, porém antes de Barth nenhum europeu ali havia penetrado, ou pelo menos saído de lá para communicar á Europa as suas observações. Este viajante não só descreve mui detalhadamente as linhas de estrada que seguiu, e os logares que viu, mas recolheu também numerosas e interessantes informações sobre as montanhas e valles do paiz, suas produções, habitantes, e tradições historicas. A população dominante é uma tribu berebere (*os Kelouis*); porém o seu dominio foi factó de conquista. A população aborigena, reduzida a escravidão, pertence á raça negra. No tempo em que os reis indigenas governavam o paiz, tinham por capital Aghadès, cidade mui

afamada do Soldão. Os chefes bereberes fundaram outra a que deram nome de Tintelloust. Também mudaram a designação ao paiz, que d'antes se chamava Asben, e que é por ella ainda appellidado pelos negros. Asben, ou Air não tem menos de cem leguas de longitude norte a sul, e também é de largura consideravel. É o maior oasis conhecido no Sahara. Montanhas elevadas em grupos, que altos picos de apparencia vulcanica dominam, numerosos valles, onde correntes de agua viva entretem a verdura e fresquidão, causam deliciosa sensação a quem acaba de atravessar aquelle deserto. Cercada de todos os lados por planicies inhabitaveis, Air destaca como vicejante jardim no meio de aridas solidões.

Saindo pelo lado do meio dia d'este bello paiz de Air, ainda se atravessa um deserto de sete a oito jornadas para entrar no Soldão. Vê-se, pelo itinerario do viajante a que nos reportamos, que, de norte a sul do Grande Deserto, comprehendidos os seus oasis, ha a extensão total de cincoenta dias de jornada, ou quasi trezentas e cincoenta leguas de 25 ao grau.

O SOLDÃO.

Significa esta palavra arabe o paiz dos negros. É uma appellação synonyma da nossa negricia. Todos os povos aborigenas d'esta vasta região pertencem effectivamente á raça negra. O soldão dos arabes é essa longa zona da Africa central que começa na alta região do Nilo, e que vae terminar no oceano atlantico, entre o limite meridional do Sahara e o fundo do golfo de Guiné. Ha comtudo uma differença tão sensível e absoluta, entre estas duas zonas contiguas, o Soldão e o Sahara, como entre as duas populações que as occupam. O Deserto, é no seu todo, uma região relativamente elevada, um verdadeiro platô onde a agua escacêa, e a vegetação está tão dissiminada como a sua população: o Soldão, pelo contrario, é uma região baixa, cujo solo é profundo, fecundado por chuvas periodicas, coberto de numerosa população, regado por um largo rio, atravessado de innumerables ribeiras, que a maior parte desaguam n'um grande lago que parece um mar interior. Este lago é o de Tchad, ou Tsad, centro d'uma bacia particular, que á similhaça do mar Caspio e do mar Morto, não tem communicação com o Oceano, nem com as visinhas bahias: este grande rio, é o Dhioliba ou Kouara, que tem sua origem na extremidade occidental do continente, passa perto de Tinboukton, e perde-se no fundo do golfo de Benin; arteria immensa que recebe no seu curso uma infinidade de nomes particulares sem ter nome geral, e ao qual se poderia continuar a applicar, pelo menos como termo de convenção, o nome de *Niger* que antigamente se lhe deu. Muitas nações cobrem esta grande zona do Soldão, na sua longitude pelo menos de mil leguas desde os paizes do alto Nilo ate Senegambia: entre o Tsad e o Nilo ha paizes ainda inexplorados. Ao sul de Tsad ha uma multidão de pequenos estados e povos barbaros: a oeste do grande lago está Borneo; mais adiante o Haoussa, até ao curso medio do Niger; finalmente, entre Haoussa e as nascentes do grande rio, ha ainda povos e paizes de que apenas se conhecem os nomes obscuros e barbaros, excepto o Tinboukton.

PAIZ DE HAOUSSA. — OS FOULAH.

Este paiz é uma bella e fertil provincia, a que se deu o nome de jardim da Africa central. É a séde do poder dos Foulah, povo estranho ao Soldão pela sua origem, e que fundou, no começo do seculo actual, um d'esses imperios que pela sua extensão e rapidez recordam as grandes erupções das tribus da alta Asia. Os Foulah glorificam-se, como os Bereberes, de pertencerem á raça branca; e effectivamente tem os traços característicos d'esta, menos a côr da pelle, algum tanto mais carregada, sem comtudo ser preta, conhecendo-se todavia uma mistura de sangue ethiope. Suas mais antigas tra-

dicções fazem-os descendentes d'um paiz do norte sobre o Senegal, onde hoje existe ainda uma das suas tribus conhecida pelo nome de *Peuls*, ou *Fouls*. Foi d'ahi que n'uma época desconhecida, mas certamente muito antiga, parte d'elles caminhou para este, e se espalhou pela alta bacia do Niger. Viviam obscuramente desde seculos, convertidos ao islamismo, e passando vida pastoril, quando ha quasi cincoenta annos appareceu entre elles um homem inspirado. Chamava-se Danfodio. Exaltado pela leitura do koran, inflammado do santo ardor da propaganda religiosa, Danfodio pregou a cruzada contra os negros idolatras. Dentro em pouco reuniu grande numero de discipulos, e com elles um exercito. Os Foulah se espalharam pelo Haoussa e reinos pagãos do sul, com a impetuosidade de novos sectarios. Tudo cedeu a esta furiosa invasão. Do oriente ao occidente, do grande lago a Tinboukton, todo o Soldão foi ferido de terror, e os chefes musulmanos, mesmo o poderoso cheik de Bournou, tiveram de reconhecer a supremacia do sultão dos Foulah.

Assim se fundou o novo imperio. Danfodio conservou o sceptro até 1816. Seu filho Mohamed Bello reinava havia oito annos, quando Clapperton, em 1824, o viu em Sakkatou, cidade do Houssa, de que Danfodio fizera capital. Desde então os sultões transferiram a residencia para uma cidade que fundaram com o nome de Vourno, a pequena distancia de Sakkatou. A relação da viagem de Clapperton fez celebre na Europa o nome do sultão Bello, que era effectivamente homem d'um genio pouco commum. Bello morreu, e o poder dos Foulah perdeu seu prestigio; se bem que o contacto e commercio habitual dos europeus ainda pode abrir-lhe novo futuro, desenvolvendo-lhes as faculdades nativas.

KANO — CIDADE DE HAOUSSA.

Apesar d'esta cidade não ter nome de capital, é a mais considerada e importante do Haoussa. É o ponto central do commercio do Soldão. Barth calcula a sua população em trinta mil almas. O seu circuito comportaria uma cifra bem consideravel, se a mór parte não estivesse occupada por plantações e culturas, que no commum são os traços característicos das grandes cidades da Africa interior. O aspecto dos habitantes faz lembrar as cidades arabes da zona barberesca. Como a antiga Roma, Kano encerra varias collinas, das quaes a vista se espraia por toda a cidade. Vista d'essas alturas, com as suas formosas lamedas de arvores que protegem com sombra a maior parte das casas, assimelha-se a um jardim, e torna-se pittoresca. Naturalmente esta cidade está predestinada a um papel importante nas futuras relações da Europa com a Africa central.

Os povos, bem governados, difficilmente são revolucionados.

PLATÃO.

Platão foi discípulo de Socrates. Este ultimo não chamava aquelle senão o *cysne da Academia*.

A academia era um local cercado de arvores, e situado n'um dos suburbios de Athenas, assim chamado do nome *Academus*, ou *Æcademus*, cidadão de Athenas, que era o seu proprietario.

Era n'este logar que Platão, e seus discipulos tinham as suas assembleas para conversarem sobre materias philosophicas: origem do nome de academicos dado aos philosophos que seguiam a doutrina de Socrates e Platão.

Esta doutrina, e a de Aristoteles foram de alguma sorte duas religiões que os homens professaram, até que uma luz mais pura os veiu esclarecer.

Platão não despresou nenhum dos meios de augmentar os seus conhecimentos. Viajou pelo Egypto para se aproveitar das luzes dos sacerdotes d'aquelle paiz e dos homens illustres em todas as materias que elle então produzia.

Percorreu a grande Grecia para conversar com os tres mais famosos pythagoricos d'aquelle tempo, e passou á Sicilia para ver as maravilhas d'esta ilha, especialmente o Etna.

Platão não se envolveu com os negocios publicos; porém nem por isso deixou de ser util ás sociedades politicas, formando para ellas magistrados sabios e virtuosos.

Dion, Pithon e Heraclido que haviam aprendido na sua escola a detestar a tyrania, libertaram o primeiro a Sicilia, e os outros dois a Thracia.

Denis, tyrano de Syracuse, chamou-o á sua cõrte, e Platão foi ali na esperança de contribuir á felicidade dos syracusanos; porém a adulação oppoz-se ao progresso da philosophia, e Platão voltou para a Grecia com a tristeza de não ter podido fazer um homem de um tyrano, e a alegria de não viver com covardes lisongeiros que d'aquelle faziam um monstro.

A sua volta passou por Olympia para ver os jogos. Encontrou-se alojado com estrangeiros de distincção. Comeu á sua mesa, passou com elles dias inteiros, e viveu de uma maneira mui simples, sem nunca lhes fallar nem de Socrates, nem da academia, nem lhes fazer conhecer de si proprio outra cousa senão simplesmente que se chamava Platão.

Estes estrangeiros acharam-se felizes em ter encontrado um homem tão affavel e de tão boa sociedade; mas como elle não lhes fallasse se não de coisas muito triviaes, não julgaram que fosse aquelle philosopho, cuja reputação tanto se espalhára já.

Acabados os jogos foram com elle para Athenas, onde os hospedou. Apenas chegaram pediram ao seu hospede que lhes fizesse travar conhecimento com aquelle famoso philosopho que tinha o mesmo nome que elle, e era discípulo de Socrates. O philosopho lhe respondeu rindo:

« *eil-o aqui.* » Os estrangeiros, suspensos, reprehenderam-se secretamente de não terem podido discernir todo o merito deste grande homem, atravez do veu da simplicidade e da modestia com que se cobria, e ainda mais o admiraram.

Este philosopho, não podia soffrer a venalidade das magistraturas. « É, disse elle, como se em um navio se nomeasse alguém para piloto por causa do dinheiro que tem. Será possível que a regra seja ma em todos os empregos da vida humana, e que somente seja boa no governa de uma republica! »

« Os homens, continua Platão, não conhecerão felicidade em quanto os philosophos não reinarem, ou aquelles que reinam privados de uma especie de inspiração divina, não forem philosophos. »

A virtude do homem politico, segundo Platão, consiste em dirigir os pensamentos e as acções para a felicidade da republica.

Elle distingue duas especies de paixões; as paixões selvagens e ferozes, e as paixões doces. A voluptuosidade, a dôr, a commiserção entram em o numero d'estas: são da natureza do homem. Não começam a ser viciosas senão quando são excessivas. As paixões selvagens e ferozes não estão em a natureza; nascem de alguma depravação particular, tal como a misantropia.

« Dae tudo ao homem excepto a virtude, e nada tereis feito para a sua felicidade » dizia elle.

Definia a amisade uma benevolencia reciproca que torna dois entes igualmente cuidadosos um do outro: egualdade que se estabelece, e se conserva pela conformidade dos costumes.

Platão gosou de uma perfeita saude, e longa vida, recompensa da sua frugalidade. O persa Mithridates levantou-lhe uma estatua: Aristoteles um altar. Consagrou-se com solemnidades o dia do seu nascimento, e cunharam-se moedas com a sua effigie.

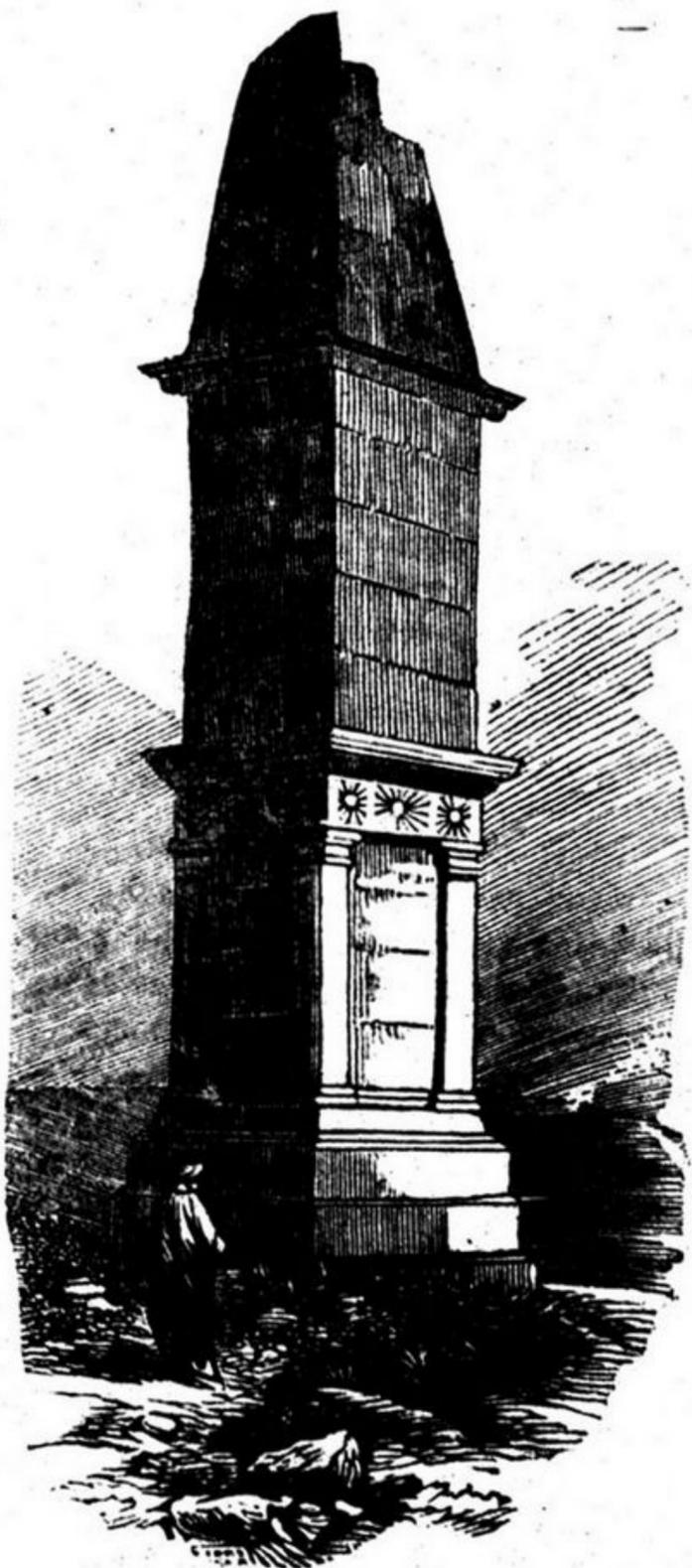
Mesmo ainda vivo se rendeu homenagem ao seu saber. O poeta Antimachus tendo reunido um dia algumas pessoas para lhes ler uma poesia que composera, e vendo que o seu auditorio o abandonára á excepção de Platão: « Não deixarei, disse elle, de continuar a minha leitura, pois só Platão vale um auditorio. »

Platão foi cognominado o *Homero* dos philosophos. Nos assumptos elevados de que trata, possui o enthusiasmo d'este poeta epico. Algumas vezes tambem se compara a Anacreonte, pela maneira com que tratou o amor. Os estudiosos conhecem os versos apaixonados que elle dirigiu a Agathis.

Thimoteo, general atheniense, foi convidado a ceiar em casa de Platão. A comida foi frugal, mas delicada. Uma doce alegria animava os convivas; e trataram-se muitos pontos de moral bastante interessante. Thimoteo estava encantado. A satisfação secreta que elle experimentava era bem superior á alegria estrepitosa que reinava nos grandes banquetes que muitas vezes dava aos seus officiaes. Um delicioso con-

certo terminou o festim. O general saiu d'ali cheio de um contentamento interno tal como nunca sentira. Aquella comida frugal attraiu-lhe um somno ligeiro e tranquillo. De manhã levantou-se fresco e alegre. O doce sentimento do prazer da vespera affectava ainda deliciosamente seu coração, e por acaso encontrou Platão: « Os vossos banquetes, lhe disse elle, não somente são gradaveis no momento; tambem o são ainda no dia seguinte. »

Cicero tinha tão boa opinião dos sentimentos de Platão, que dizia: « Estimarei antes enganarme com Platão, do que encontrar a verdade com os outros philosophos. »



TUMULO ROMANO, NA ESTRADA DO FEZZAN.
(vide o numero antecedente),

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Para illustrar uma parte importante da historia da nossa revolução de 1640, revolução mais patriótica que politica, vamos salvar do esquecimento um pequeno inedito composto por uma testemunha occular, colaborador n'aquelles successos. É a mui interessante e minuciosa *Rela-*

ção do que aconteceu na cidade de Angra da ilha Terceira, depois da feliz aclamação d'el-rei D. João IV, que Deus guarde, na restauração do castello de S. João Baptista, do monte Brasil, até se embarcarem os castelhanos que o occupavam, composta pelo reverendo padre frei Diogo das Chagas, da ordem dos frades menores do patriarcha S. Francisco, da provincia dos Açores.

Frei Diogo foi natural da ilha das Flores, mestre jubilado na sagrada theologia, e vigario provincial d'aquella provincia. Tambem escreveu o *Espelho christalino*, livro historico, sobre aquellas ilhas e seus conventos, que se conserva inedito, e de que houve copia na famosa bibliotheca do cardeal de Sousa. D'outras suas obras asceticas, que igualmente ficaram manuscritas, como a *Meditação da luta do diabo com Adão, pela qual saiu Christo Senhor Nosso a lutar com o diabo* — a *Consolação da pobresa, e remedio para qualquer muito pobre ser muito rico* — o *De como se busca e acha a bemaventurança*, guardava copia na sua preciosa livraria o douto antiquario, chantre d'Evora, Manoel Severim de Faria.

Diogo das Chagas foi um personagem importante nas ilhas dos Açores, no seculo XVII; fôra trabalho util e curioso as noticias que possam restar d'elle; sem isso a sua vida ficara sempre por escrever. Deixemol-o agora fallar, pelas suas memorias de 1641.

ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV NA ILHA TERCEIRA.

Prologo ao pio leitor.

Se esta breve relação, pio leitor, te parecer muito breve e laudativa de alguns, não o sendo tanto de outros, e por isso te não for tão agradavel, lembro-te refresques a memoria com o que Christo Senhor Nosso disse a seus discipulos, quando os mandou a conquista do mundo e conversão das gentes d'elle, dizendo-lhes: *Docete omnes gentes, annunciantes eis vitia et virtutes, pœnem et gloriam cum brevitare sermonis, quia verbum abbreviatum fecit dominus super terram.* Acharás razão e fundamento de alliviar tua pena, vendo a verdade com que tudo vae escripto, e por essa mesma razão breve e despida de todo o enfeite e ornato exterior, porque é tal a verdade, que só por si se orna e faz temer e respeitar, e conservar sem lesão alguma, como bem diz Lactancio: *Nuda est veritas quia salis ornata per se est, ideo que ornamentis extrinsecis fucata currumpitur*; e melhor ainda S. Basilio: *Nuda est veritas, et absque patrocínio ipsa se ipsam declarat.* Por isso, pio leitor, só tratei de fazer relação breve, e em tudo verdadeira, como podem testemunhar todos os que presentes se acharam, se á mão lhes chegar. O que mais me obrigou foi ver, que tudo o tempo com sua duração consume, e põe no esquecimento; e se alguns se querem mostrar lembrados, con-



MOETES GHARIAN, AO SUL DE TRIPOLI. (*Vide numero antecedente*).

tam as coisas por tão differentes termos do que passaram, como já hoje a muitos as ouvimos; e ver também quão breve se mostrou o doutor Gregorio de Almeida no livro que compoz intitulado *Restauração prodigiosa de Portugal*, no lugar em que trata d'esta guerra e seu successo. Isto, como digo, me obrigou a tirar e pôr meus rascunhos em limpo, com toda a certeza e verdade, que n'esta breve relação te offereço.
— Vale.

I

De como morto Miguel de Vasconcellos, e coroado em rei de Portugal D. João IV, que Deus guarde, duque que era de Bragança, mandou a Francisco de Ornellas trazer a sua voz a esta ilha

Foi tão prodigioso e extraordinario o caso da morte que a Miguel de Vasconcellos deram os valorosos e sempre leaes portuguezes o primeiro dia de dezembro do anno de 1640, que me pareceu não satisfazia com dizer sómente o dia e anno em que foi morto; mas fazer uma breve consideração sobre sua miseravel morte, e desgraçada sorte. Quem for lido, assim nas lettras divinas como humanas, e considerar a vida e

morte d'este desgraçado peccador, achará muitos casos e muitas pessoas, que ao vivo o representem; mas as pessoas e acontecimentos que a meu julgar melhor espelho seu são, é o Apostolo S. Paulo sendo ainda Saulo, e Juliano apostata: e assim podemos dizer que elle foi o Saulo e Juliano dos nossos tempos, porque na vida imitou a Saulo, e na morte seguiu ao apostata Juliano.

Tomou Saulo á sua conta perseguir aos catholicos seus naturaes, e dar fim a seu catholico reino, levado não só de sua má natureza, mas de ambição e privança que queria ter com os grandes da synagoga, fazendo-se grande com elles; e para mais os obrigar, sabendo que em Damasco havia christãos, se foi ter com elles, e lhes pediu cartas para prender a todos os que esta facção seguissem, e este santo nome invocassem, sem perdoar a homem, nem mulher, fidalgo, nem peão, secular, nem ecclesiastico; e alcançadas se poz ao caminho para pôr seu damnado feito em execução; e sem duvida destruiria de todo este catholico reino, fundado pelo mesmo Christo, se o Senhor lhe não saíra ao caminho e encontro, e com o raio de sua voz o não prostrara por terra, derribando-o do cavallo

em que ia anhellando sua soberba, dizendo-lhe : *Saule, Saule, cur me persequeris*; pois sabe que *durum est tibi contra stimulum calcitrare* (Act. apóstolor. c. 9.^o), e sem duvida que se (conheceu de seu erro) não obedecera, e dissera : *Domine quid me vis facere*, em corpo e em alma ficára sepultado no inferno, como o apostata Juliano, do qual diz Theodorico, (Lib. 63, *Hist. eccles.* cap. 25) que sendo pelo mesmo Deus, por outras taes perseguições como as de Saulo, ferido com uma setta mandada do ceo, foi tal sua obstinação, que em lugar de pedir perdão, como Saulo, e mais obstinado em seu peccado, tomava o sangue que pelo logar da setta de seu corpo saía, em suas mãos, e o espalhava pelos ares, fazendo com elle tiro para o ceo, dizendo : *Vicisti galilea, galilea vicisti*: e assim obstinado morreu, e foi tomar morada para sempre no inferno.

Que melhor espelho e retrato se pode dar da vida e morte de Miguel de Vasconcellos, que estes dois homens, porquê, como outro Saulo, anhelando em soberba, tyrannia e crueldade, nascida não só de seu mau natural, mas de sua ambição e privança, procurou novas lincas e tributos, com que affligia a seus naturaes, e grandes provisões e cartas para os prender, usurpando para si até a jurisdicção ecclesiastica, só a fim de destruir o reino plantado pelo mesmo Christo, tornando-o uma miseravel provincia; e imitando n'isto a Saulo perseguidor, não o imitou no conhecimento de sua culpa; porque sendo por Deus Nosso Senhor admoestado, por meio de seus pregadores e ministros, os não ouvia, antes a uns degradava, e outros prendia, e a igreja desobedecia, fazendo conselho e n'elle assento, que no que tinha intentado se não obedecesse ao papa, e prendendo o seu collecter o enviou com guardas a Madrid. E porque imitando a Saulo na vida, não no imitando no conhecimento e contricção de seu peccado, veiu a morrer obstinado, como Juliano apostata, e como elle dentro em si dizia : *vicisti Galilea, vicisti*; não com setta do ceo caida, mas por mãos dos sempre leaes portuguezes, que acudindo por sua patria, liberdade e reino, lhe deram a morte que elle merecia, com o que ficou tudo quieto, e o reino restituído a seu dono, a quem directamente pertencia por linha direita masculina, como filho que é do excellentissimo senhor D. Theodosio, duque que foi da real casa de Bragança, e neto da altissima senhora D. Catharina, e por sua parte bisneto do muito excellentissimo infante o senhor D. Duarte, filho do muito alto e muito poderoso, de gloriosa e eterna memoria, senhor D. Manoel, que santa gloria haja. E assim podemos dizer, que o reino que lhe tinha usurpado o poder das armas dos muito catholicos reis de Castella, lhe restituiu o ceo por meio da morte d'este insolente e atrevido homem, que por nome não perca, Miguel de Vasconcellos, do qual podemos conjecturar que com a morte do corpo padeceria tambem a

alma; de que o diabo na ilha de S. Miguel deu testemunho em certa occasião, que um frade nosso, por nome frei Francisco de S. Pedro, no convento de Ponta Delgada o estava botando fora do corpo de um pupilo, que elle atormentava: no qual, fallando fora de proposito do que lhe perguntavam, por virtude do exorcismo que lhe fazia, disse: — *aquelle Miguel de Vasconcellos, que mataram em Lisboa, tenho eu de minha mão ferrolhado e bem fechado no inferno!* — e como o atormentou, mandado calar se ratificou, dizendo: — *deixa-me fallar, que n'isto digo verdade*: — e apertado do exorcismo se calou.

Bem sei, que se não pode dar credito a isto, nem eu o digo porque se creia, pois o auctor por natureza é homicida, mentiroso, e pae de mentiras, como diz S. João do c. 8.^o: *Ille homicida erat ab initio, et in veritate non stetit, quia non est veritas in eo, cum loquitur mendacium loquitur, quia mendax es et pater suis*: comtudo podemos ter grande receio de que n'isto fallasse verdade, porque além da morte ser, como foi, cheia de circunstancias de condemnação, sabemos que os espiritos malignos são creaturas de Deus e ministros de sua justiça, por meio dos quaes muitas vezes nos castiga.

Morto pois Miguel de Vasconcellos, e aclamado e coroado em rei de Portugal ao serenissimo senhor D. João IV, que Deus guarde, duque que era da muito antiga e nobilissima e sempre real casa de Bragança, serviu-se de Francisco de Ornellas, fidalgo de sua casa, e cavalleiro professo do habito de Christo, capitão-mór que era da jurisdicção da villa da Praia, que ao tal tempo em Lisboa estava; mandando-o com ordem sua como se havia de haver, assim no mar como na ilha, depois de a ella chegar, para se tomar o castello de S. Filippe, do monte do Brasil, que em poder dos castelhanos estava, e para depois d'isso estender sua real voz por todas as ilhas.

(Continua).

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 3.

Continuação

Promulgando o papa Calisto terceiro em 1457: isto é, tres annos antes de completa a terceira vintena do seculo quinze (tres vezes quinto), uma cruzada contra os mouros, empreza que ficou varada com a morte do mesmo papa, resolveu D. Affonso, pôr em uma guerra d'Africa, as despezas já feitas para aquell'outra. Valeu esta expedição; a D. Duarte de Menezes, a nomeação de

conde de Vianna; e a Portugal, *tres cidades* d'Africa, Ceuta, Alcacer Seguer, e Fez; e foi seguida da morte de *tres* personagens, de que foi então agoado o prospero successo das armas portuguezas; D. Affonso, conde de Ourem, D. Henrique, duque de Viseu, D. Affonso, duque de Bragança, pae do conde primeiramente mencionado. D. Henrique terceiro filho de D. João; falleceu em Sagres; foi levado a Lagos, e ahi permaneceu, até que seu sobrinho, filho de D. Affonso v, o trasladou para a Batalha. D. Henrique deu sua propria casa em Lisboa, para se assentarem n'ella as escolas geraes, ou universidade que D. Diniz fundara n'esta cidade, e que depois foi transferida para Coimbra.

D. Manuel successor de treze soberanos de Portugal, e terceiro rei a contar de Affonso v inelusiveamente, recusou em 1521 as corôas de Castella e Leão que da parte de alguns grandes e ecclesiasticos lhe veio offerecer o deão d'Avila. Este rei pelas praticas que teve com o capitão Quadra, formou o projecto de achar caminho por terra do Congo á Abissinia. Os invejosos do capitão, transtornaram o projecto; e de volta do Congo, achando o rei morto, fez-se o capitão, religioso. D. Manuel falleceu aos 13 de Dezembro, do dito anno, tendo cincoenta e dois (quatro vezes treze) de idade, e vinte seis (duas vezes treze) de reinado. Esteve oito dias doente com a febre epidemica de que morreu, e outros tantos annos temos a juntar a 1513 para completar a data 1521 de seu fallecimento. Edificou em Portugal treze conventos; mais treze edificios, oito egrejas e cinco palacios; não fallando no hospital de Lisboa, vinte e tantas, ou vinte uma e tantas fortalezas, chafarizes, pontes etc. (1521 é o numero cincoenta e dois da idade quatro vezes treze entre um e um.)

Foi aclamado D. João III no mesmo anno aos 19 de Dezembro (mez anterior a treze contados de Janeiro; e dezenove, o mesmo que treze, e duas vezes tres), tendo de idade dezenove annos, duas vezes tres mezes, e treze dias: e notemos que esta data 1521, se forma, tomando treze vezes treze annos, tres vezes, e o resultado outras tres vezes. Diremos de D. João III tres coisas: em primeiro logar, não decidiu a questão das Molucas; segunda, casou com D. Catharina irmã de Carlos v, com dois mil cruzados de dote, além das joias, e tença annual de cinco mil crusados; em terceiro logar, mandou o Gama, conde da Vidigueira, já velho e enfermo, *terceira* vez á India. No reinado anterior, de D. Manuel, nome cuja letra capital apresenta tres angulos, Vasco da Gama, Paulo seu irmão, e Nicolau Coelho, commandando *tres* navios de guerra, com uma barca, conduzida por Gonçalo Nunes, domestico do almirante Vasco da Gama: foram os primeiros navegadores que dobraram o cabo extremo meridional da terceira parte do mundo antigo; e tinham embarcado, passados *tres* vezes *tres* dias do terceiro mez, que principia pela letra J, consoante que no al-

phabeto precede a vogal da India, terceira na ordem das vogaes; e foi no anno, em que faltavam tres para novo seculo, que tambem é multiplo de tres — Data que Luiz de Camões descreve assim:

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento;
E o mundo que com o tempo se consume.
Na sexta idade andava enfermo e lento.
Nella vê como tinha por costume
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete em que corria
Quando no mar a armada se estendia.

Ao regressar d'esta viagem, deixou seu irmão enterrado na ilha *Terceira*, entrando em Lisboa no mez que precede os tres ultimos do anno em 1499. Pouco depois foi mandado á India com treze navios, Pedro Alvares Cabral; e passados *tres* annos de estar Vasco da Gama, na corte, voltou á India, partindo ainda no terceiro mez do anno (Março 1502). Havendo combatido uma esquadra do rei de Calcutta, composta de trinta menos um navio, traz a Portugal uma rica preza, na qual se encontrou um idolo de ouro que pesava mais de trinta arrateis. Quando D. João III, o mandou pela terceira vez á India já os Almeidas e Albuquerque ali tinham firmado o imperio portuguez, que se dilatara desde o golpho Persico até ás Molucas situadas a mais de treze vezes dez graus de longitude de Portugal, sendo *Ternate* uma das tres que principiam por T, com trinta milhas de circunferencia, a maior d'aquellas ilhas de especiarias: Ternate, Tidor, Timor, Machian e Bachian; pontos situados junto ao equador depois d'elle ter cortado pelo meio as tres enormes de Sumatra, Borneo, e Celebes. Nesta terceira viagem, tres mezes depois de sua nomeação de vice-rei, falleceu Vasco da Gama, em *Goa*, que tem tres letras (o G de seu appellido, e as unicas vogaes que seu nome todo contém iniciaes de Asia e Oriente) aos 24 de Dezembro de 1524; isto é no duodecimo mez de que já tinham passado duas vezes doze dias, contando-se duas vezes doze annos do seculo doze e mais *tres* seculos. Parece que já a natureza para assignalar o rei, e o vassallo, autores de tão alta empreza, circunscrevera com seus nomes illustres, os continentes maiores do mundo antigo onde existiam. D'esde o estreito de Gibraltar até ao ponto mais reintrante do golpho de *Guiné*, a costa occidental d'Africa tem a forma de um enorme G; e d'esde o ponto que mencionei ultimo, torneando o cabo da Boa Esperança até ao outro estreito de Babelmandel, formam as costas Africanas um desmesurado V, como se disseram, *Gama avante!* Do estreito de Babelmandel até ao de Malaca, as costas da Arabia e Siam, entre as quaes, *avancam* em angulo para o sul as de Malabar e Coromandel, formam com estas um grande M como significando n'esta parte do mundo Manuel o afortunado. O cami-

nho dos lusos à India e pois indicado, costa a costa, pelas iniciais G. M.

V

Em 1536, creou D. João III em Evora, por uma bulla de Paulo III datada de 23 de Maio (mez terceiro a outro que tambem principia por M e que é terceiro no anno), o tribunal na Inquisição, a instancias do clero contra os Judeus; e foi inquisidor geral o infante D. Henrique.

D. João III mandou tres navios com boa esquadra de caravellas, commandada por Antonio de Saldanha, a Carlos V, que lhe pedira soccorros para repor sobre o throno, o rei de Tunis, a quem Barbaroxa tinha desapossado. N'esta esquadra se embarcou a furto o infante D. Luiz, distinguindo-se extraordinariamente na empresa.

D. João III fez grandes diligencias que se nomeasse papa o cardeal D. Henrique; mas foi nomeado Julio III, nome que tomou o cardeal Del Monte.

Em 1555 foi entregue aos Jesuitas o collegio das artes em Coimbra; e Jorge Brianano, e outros foram denunciados e prezos, na inquisição. E a falta de taes homens concorreu para a decadencia d'aquelle estabelecimento.

A rainha D. Catharina no terceiro anno da sua regencia por D. Sebastião, quiz recolher-se ao convento da Esperança em 1560; e sendo negado-lhe isto, veiu a renuncial-a em 1562, no cardeal, seu cunhado.

Os Jesuitas fizeram absolver D. João III, por largar alguns logares de Africa, que o reino não podia conservar: como se a impossibilidade fora peccado!

D. Sebastião no segundo anno do seu reinado, em quarta-feira de trevas, 6 de Abril de 1569, tencionando antes, demorar-se em Almeirim, saiu d'ali precipitadamente, por fugir a sua avó, que o instava que se casasse; do que, era dissuadido pelos padres. Carlos V, que não perdia a esperanza da successão á corôa de Portugal, mandou de mais a mais, S. Francisco de Borja, praticar sobre isto, a rainha; circumstancia que veiu deixal-a muito indignada. Mal pensava D. Sebastião, fugindo de Almeirim, ao bom conselho de sua avó, que, seriam ali convocadas, como veremos, as côrtes dos tres estados, para approvarem a nomeação de Philippe II, filho do mesmo Carlos V, á successão da sua corôa, e que tres Philippes successivos occupariam o seu throno.

Algarismos 4 e 5.

Foram quatro os alcaides (o de Badajoz, o d'Elvas, o d'Evora, e o de Beja) a quem Ismael, logar-tenente de Abu Ali Texefim, rei de Marrocos, mandou preparar, como preludeo, para a batalha de Ourique, na qual, Affonso dividiu a sua gente de cavallo em quatro corpos; Ismar, a sua, em tres vezes aquelle numero de esquadões. Ficou morto no combate o sobrinho de Ismar, e quatro alcaides. Em quatro naus an-

coradas no Tejo vinham crusados de quatro nações, os quaes ajudaram D. Affonso na tomada de Lisboa: eram francezes, inglezes, alemães e flamengos.

Os quatro primeiros reis de Portugal, formam dois pares: um par de primeiros, e um par de segundos; Affonso I, Sancho I, Affonso II, Sancho II.

D. Affonso II teve quatro filhos: D. Sancho que lhe succedeu (o Capello); o infante, D. Affonso, conde de Bolonha; D. Fernando, infante de Serpa, que casou com uma D. Sancha, de quem teve D. Leonor, esposa de Valdemaro rei de Dinamarca, e um filho D. Vicente; finalmente um filho bastardo D. João Affonso.

D. Sancho II, obteve Chaves que lhe restituiu o santo rei D. Fernando de Castella, pelo bem que se houve nas questões, que o mesmo Fernando teve com suas irmãs. D. Fernando infante de Portugal e excommungado por violar as immunidades ecclesiasticas, é obrigado a ir fazer penitencia a Roma.

D. Payo Corrêa, commendador de S. Thiago é nomeado general contra os mouros no Algarve. Imputam-se á negligencia de D. Sancho os estragos que os infieis fazem no reino, e pede-se a Innocencio IV que lhe tire a administração d'elle. Nem D. Sancho era mau,

Nem era o povo seu tyranizado,
Como Sycilia foi dos seus tyranos

.....
Mas o reino de altivo e costumado

A senhores em tudo soberanos

A rei não obedece nem consente

Que não fôr mais que todos excellente.

O papa Alexandre IV a rogos de Mathilde, condessa de Bolonha, quer annular o casamento de Affonso III (avô do IV) com D. Bêatriz. A propria condessa veiu por mar até Cascaes, mas voltou para França, onde morreu, quando governava a igreja Urbano IV, que legitimou os filhos de D. Beatriz.

Falleceu D. Affonso no meio do primeiro quartel do anno, em quatro vezes quatro dias de Fevereiro, em 1279 (nove e sete fazem dezeseis que são quatro vezes quatro) tendo trinta e um de reinado (trez e um fazem quatro).

Da terra dos Algarves que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera com o braço e deita fôra,
O mouro mal querido já de Marte.
Continua.

Recusar a liberdade a um povo porque elle não sabe gosar-a, é pronunciar que será sempre escravo; porque é unicamente pelo exercicio da liberdade que os homens se iniciam nas virtudes que ella reclama.